**INFÂNCIA, RAÇA E GÊNERO** **EM CURITIBA**

*Marcia Cristina Dos Santos[[1]](#footnote-2)*

*Sonia Maria Fernandes[[2]](#footnote-3)*

*Valéria Milena Rohrich Ferreira [[3]](#footnote-4)*

**EIXO TEMÁTICO:** Gênero, raça e cidade

**RESUMO**

Este artigo apresenta dados de uma pesquisa quantitativa sobre o acesso e os usos dos equipamentos urbanos por parte de crianças moradoras e estudantes em bairros de Curitiba e das dissertações de mestrado de duas das autoras. A partir dos recortes espacial e racial constatou-se um maior percentual de crianças negras matriculadas nas escolas localizadas em regiões periféricas e precarizadas da cidade e com menor número de equipamentos públicos. Evidenciou-se que esta configuração desigual, assim como questões de gênero, interfere na maneira como as crianças vivenciam a cidade e constroem suas relações sociais.

Palavras-Chave: cidade, infância, relações raciais.

**INTRODUÇÃO**

Os dados apresentados neste artigo foram coletados no âmbito da pesquisa “Tensões e contradições nas redes de interdependência de crianças em contextos urbanos e seus processos de socialização” que objetivou conhecer, em linhas gerais, a relação entre infância e cidade. Esta pesquisa foi realizada entre os anos de 2013 e 2016, por meio da aplicação de 1600 questionários[[4]](#footnote-5) direcionados a famílias de crianças estudantes de 27 escolas municipais localizadas em diferentes bairros de cada uma das nove regionais da cidade à época (atualmente são dez).

Para a escolha das escolas foram considerados aspectos estruturais (físicos e simbólicos) do entorno de cada uma delas e estas foram definidas em três diferentes perfis, sendo o primeiro a região mais bem localizada do bairro com melhor estrutura, a segunda numa região intermediária e a terceira na região mais carente de equipamentos e serviços. Os sujeitos dessa pesquisa são crianças, estudantes da rede municipal de Educação de Curitiba, matriculados no 5º ano do ensino fundamental, preferencialmente do turno regular da manhã, com a média de idade entre 9 e 12 anos.

Embora Curitiba ostente há várias décadas a imagem de cidade modelo e apresente índices de desenvolvimento considerados muito bons[[5]](#footnote-6), assim como a maior parte das grandes cidades, o espaço urbano da cidade é marcado por desigualdades sociais, espaciais, culturais, raciais e ambientais que afetam, de maneira diversa dos adultos, os modos de vida das crianças. Estas desigualdades são também evidenciadas em outras pesquisas (FERREIRA,V. 2010; FERREIRA, S. 2016; FERNANDES, 2016; SANTOS, 2018; CARDOSO, 2018; FIORESE, 2018; entre outras) e demonstram a existência de múltiplas infâncias curitibanas.

Dentre as diferentes formas de desigualdade, evidenciam-se as desigualdades raciais que fazem parte da estrutura da sociedade brasileira e mantém a população negra na base da pirâmide social. Essas desigualdades refletem diretamente nas infâncias e na maneira como as crianças vivenciam a cidade, portanto, a partir da análise de alguns desses dados, o objetivo desse artigo é mostrar a condição desigual a que estão sujeitas as crianças negras nos espaços da cidade de Curitiba e algumas diferenças entre meninos e meninas, associando os dados quantitativos, coletados por meio dos formulários, tabulados e analisados com falas de crianças que participaram das pesquisas de mestrado das autoras.

A circulação de crianças pelos espaços públicos causa incômodo. Sarmento (2008), afirma que, em um impulso eugenista, a modernidade restringiu a infância aos espaços privados da família e de outras instituições, retirando-as do espaço público, principalmente aquelas que consideram ter algum potencial de desviância. Apesar dessa condição imposta, as crianças conseguem significar e ressignificar espaços e relações. Portanto, investigar a relação entre cidade e infância(s) requer a compreensão das tensões, lutas, resistências, movimentos e (re)invenções impressas no espaço urbano pelas crianças. Ao pensar essa relação como uma teia, se têm os “fios” que tecem a cidade que, “planejada” numa lógica adultocêntrica ou “ocupada desordenadamente” negligencia o direito à cidade das infâncias. Vê-se, também, as crianças, tecendo as suas relações e experimentando “uma cidadania periférica” (SARMENTO, FERNANDES e TOMÁS, 2007), “cavando oportunidades no espaço”, “reinventando espaços onde só tem terra mesmo”, “criando suas redes subterrâneas de socialização” (FERNANDES, 2016) e produzindo, de forma diversa dos adultos, cultura e conhecimento da cidade.

**CIDADE, INFÂNCIA, GÊNERO E RELAÇÕES RACIAIS**

Do total dos questionários respondidos, obteve-se os seguintes valores (apresentados em porcentagem) quanto a cor/ raça: 71,82% eram brancas; 23.87% eram negras, 0,40% indígenas; 2,81% das crianças foram declaradas amarelas; e 1,10% declararam não saber ou não responderam esta questão.

De acordo com o Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, apenas 19,7% da população curitibana era negra, sendo 2,8% pretos e 16,9% pardos, enquanto no Brasil esse índice ultrapassou 51% da população. As regiões central e norte da cidade, além de concentrar uma população majoritariamente branca, também abriga o maior úmero de equipamentos públicos de lazer e cultura. A quantidade de equipamentos vai diminuindo conforme vai se avançando no sentido sul, onde vive a maioria das pessoas negras da cidade e as crianças têm pouco ou nenhum acesso a esses espaços. Entretanto, mesmo em bairros com maior variedade e oferta de equipamentos, as crianças negras ficam em desvantagem como é possível perceber nas falas de Chentai, menina negra de 11 anos, moradora do bairro Santa Felicidade (SANTOS, 2018):

Chentai – Quando eu estou com a minha família eu quase não saio de casa, mas quando é sábado aí meu padrasto não quer ir para a minha vó, aí vai eu minha mãe e meu irmão. É lá em São José dos Pinhais. […] Às vezes, quando meu padrasto… É que assim meu padrasto trabalha no açougue do Compre Bem, aí só sábado ele fica em casa, só que ele volta pra casa só uma hora da tarde, porque ele trabalha também e daí quando ele chega se ele tiver com coragem de descer lá pra baixo, ele trabalha a semana toda, aí a gente só vai quando ele não tá muito cansado.

A proximidade espacial não garante o acesso da menina aos parques, já que depende da companhia de um adulto e o cansaço resultante da jornada de trabalho do padrasto se torNa um impedimento. Nas regiões mais vulnerabilizadas da cidade, as crianças ainda mencionam, além da escassez e precariedade dos espaços, questões geracionais e violência como elementos limitantes. Isso, evidencia-se, na fala de Everton, 11 anos, morador do bairro Uberaba (FERNANDES, 2016):

Everton – Nessas pracinhas ai eu quase nem vou. Tem os caras grandes, os adultos que jogam. Fazem até campeonato, eles nem deixam a gente jogar. […] E tem uns lugares assim, que não dá pra ir porque tem muita droga. Você chega no parquinho, vai jogar bola e você já vê os caras da droga lá. Não dá.

Em relação aos equipamentos culturais e de lazer[[6]](#footnote-7), as crianças negras foram as que apontaram em maior porcentagem não utilizarem os cinemas da cidade (24,48%). Já as crianças brancas que não utilizam os cinemas correspondem a 21,15%. Entre as crianças brancas, 23,35% delas afirmou frequentar cinemas uma vez ao mês e entre as crianças negras, 18,75% afirmou frequentar estes espaços uma vez ao mês.

Quanto a visitas a shoppings da cidade 16,25% das crianças brancas participantes da pesquisa afirmaram não frequentar esses espaços, já entre as crianças negras o percentual foi bem maior, 26,18%. Em relação a visitas realizadas a museus 65% das crianças negras pesquisadas afirmaram não frequentar museus, já entre as crianças brancas, o percentual foi de 59,93%.

As diferenças de gênero também aparecem na relação das crianças com a cidade. No caso das meninas, o uso dos espaços e a circulação parecem ser mais restritos, vigiados, prescritos:

No âmbito dos grupos domésticos, os papéis sexuais e as representações de gênero se evidenciam também na relação com os espaços de circulação das pessoas. […] **a casa, portanto, sendo lugar de domínio feminino**, é o espaço onde os homens devem ficar o menos possível. **Meninos e homens adultos têm as representações reforçadas de que seu lugar é na rua.** (RIBEIRO, 2006, p. 158, grifos nossos).

Chentai mesmo tendo apenas um ano a menos que o irmão, só pode ir ao campo perto de sua casa acompanhada por ele. Quando o irmão está na escola, ela ajuda a mãe com os afazeres domésticos, falas como essa são recorrentes entre as meninas da pesquisa.

Situação parecida acontece com Natália, 10 anos, moradora do Uberaba que, ao relatar o trajeto que faz para ir à escola, se mostra incomodada por ter que estar acompanhada pelo irmão gêmeo, Mathias para se sentir segura:

Natalia –Assim… De manhã eu venho com o Mathias, daí a gente corta ali pelo carreiro. Mas de tarde, se ele fica se enrolando com os piás na rua, daí eu tenho que voltar sozinha e ali tem um bar que eu não gosto de passar. Porque tem uns homens assim... Daí eu prefiro dar uma voltona na quadra pra não passar ali (FERNANDES, 2016).

A fala de Natalia evidencia uma preocupação que faz parte do cotidiano das meninas, que desde cedo são ensinadas a evitar passar por lugares onde há muitos homens, exceto se for acompanhada de alguém do sexo masculino. Percebe-se que, além das questões raciais e espaciais e de gênero, aspectos relacionados ao capital cultural e econômico das famílias pesquisadas, a partir dos dados referentes a escolaridade dos familiares e renda per capta, influenciam de maneira acentuada a relação das crianças com a cidade, podendo estes restringir ou ampliar estes usos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em vista do exposto aqui, acredita-se que a relação entre infância e espaço na cidade de Curitiba depende de aspectos sociais, culturais, raciais, geracionais e de gênero. Evidenciou-se “infâncias curitibanas” a depender da região em que criança vive, da sua classe social e do seu pertencimento racial, comprovando que qualquer generalização no sentido de criar uma imagem única de cidade que tem muito a oferecer a população, é idealizada e está mais próxima das pessoas que vivem nas regiões central e norte da cidade do que daquelas que sobrevivem na região sul. Na sequência destas análises, pretende-se identificar as oportunidades educativas e de ampliação cultural, ofertadas nas escolas de diferentes perfis. De modo geral, evidenciou-se, também, a necessidade de pesquisas interseccionais que considerem aspectos raciais (e seus significados identitários, sociais e políticos) das crianças e espaciais para a compreensão das múltiplas “infâncias”.

**REFERENCIAS**

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida S. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade:** aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012, p. 47-64.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NAS REGIÕES METROPOLITANAS

BRASILEIRAS. PNUD, IPEA, FJP. Brasília, 2016 em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/>.

CARDOSO, Julia do Carmo Pabst Scholochuski. **Curitiba e desigualdade: sentidos de bairro e de cidade tecidos por crianças de regiões e contextos socioeconômicos diferentes,** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

FERNANDES, Sonia Maria. **Infância, Políticas de Educação Integral/Integrada e a Constituição de Territórios Educativos: um estudo do bairro Uberaba em Curitiba**, 2016. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FERREIRA, Solange Pacheco. Políticas Educacionais de Ampliação do Tempo e Espaço para a Infância em Territórios Urbanos: uma análise a partir do bairro Pilarzinho da cidade de Curitiba. 2016. 245f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FERREIRA, Valéria Milena Röhrich. Colorindo o passado curitibano: relações entre cidade, escola e currículo. **História Revista**, v. 15, n. 2, p. 421-453, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/14235>. Acesso em: 10 jan. 2019.

FIORESE, Sabrina**. Infância e cidade: uma análise das redes de interdependência de crianças nos espaços institucionais e do bairro Tatuquara na cidade de Curitiba,** 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. **As crianças e a infância**: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. (Coords.) As crianças:contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança, 1997. p.9-30.

REMY, Jean. **L’espace, um objet central de la sociologie.** Toulouse: Éditions Érès, 2015.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006: pp.145-168. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30389.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

SANTOS, Marcia Cristina dos. **Curitiba em preto e branco: infância, espaço e relações étnico-raciais,** 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SARMENTO, Manuel J.; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina. Políticas públicas e participação infantil. **Educação, Sociedade e Culturas**,Porto, n. 25, p. 183-206. https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC25/ManuelJacintoSarmento.pdf. Acesso em 10 jan. 2019.

SARMENTO, Manuel. **Sociologia da Infância:** Correntes e Confluências. Texto digitalizado, s/p, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**. Campinas, São Paulo, v. 26, n. 91, mai./ago. 2005, p. 361-378.

1. Graduada em Ciências Sociais (UFPR). Mestra e Doutoranda em Educação (PPGE/UFPR). [↑](#footnote-ref-2)
2. Graduada em Pedagogia (UFPR). Mestra em Educação (PPGE/UFPR). [↑](#footnote-ref-3)
3. Professora do Setor de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. Mestra e Doutora em Educação (PUC/ SP). Estágio de pós-doutorado (2011/12) em Lumière Lyon 2 – França, Centro Max Weber. [↑](#footnote-ref-4)
4. Nas fases seguintes à entrega dos questionários, foram realizadas conversas com 36 crianças, além da confecção de desenhos dos bairros habitados pelas crianças participantes. [↑](#footnote-ref-5)
5. De acordo com dados Índice de Desenvolvimento Humano Metropolitano (IDHM), apresentados no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Curitiba configura-se como uma das melhores cidades para se viver no país. O IDHM é de 0,823, em 2010, considerado como Desenvolvimento Humano Muito Alto. Vale dizer que a cidade ocupa a 10ª posição entre o total de 5.565 municípios brasileiros. Nesse *ranking*, o maior IDHM considerado é 0,862 (São Caetano do Sul, no estado de São Paulo) e o menor é 0,418 (Melgaço, no estado do Pará). Essa metodologia utiliza em sua composição dados do Censo IBGE-2010 (PNUD, IPEA e FJP, 2016). [↑](#footnote-ref-6)
6. Diz respeito aos dados referentes aos espaços de lazer e cultura consolidados da cidade (parques, praças, museus, shoppings e cinemas), concebidos, na maior parte das vezes, a partir de uma lógica adulta. No mesmo questionário, se perguntou sobre outros locais que as crianças brincavam e que não tinham sido mencionados. Nas respostas a essa questão, surgiu uma diversidade de espaços e atividades. Isso também evidenciou-se nas falas das crianças das pesquisas de mestrado, quando estas apontaram “micro-produções do espaço da cidade” (NAVEZ-BOUCHANINE in REMY, 2015) e “a reinvenção de espaços precários” (FERNANDES, 2016): o beco e a rua em que brincavam, o estacionamento do mercadinho onde andavam de bicicleta etc. [↑](#footnote-ref-7)